



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - *CAMPUS XIV*
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ELOZANE CARNEIRO CORDEIRO

**RIACHÃO QUER SAMBAR! HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SAMBA DE
RODA EM RIACHÃO DO JACUIPE.**

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2015

ELOZANE CARNEIRO CORDEIRO

**RIACHÃO QUER SAMBAR! HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SAMBA DE
RODA EM RIACHÃO DO JACUIPE.**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV* – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marinélia Silva.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA
2015**

ELOZANE CARNEIRO CORDEIRO

**RIACHÃO QUER SAMBAR! HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SAMBA DE
RODA EM RIACHÃO DO JACUÍPE.**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marinélia Silva.

BANCA EXAMINADORA

Data da apresentação: _____/_____/_____

Professor Doutora Marinélia Silva (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Professor Dr. José Ernane Carneiro Carvalho Filho.
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Professora Fernanda Manuela de Oliveira Vitorino
Especialista em História da Bahia. UEFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me presentear com esta grande vitória e realização de um sonho. Durante esta jornada foram muitos os desafios e obstáculos encontrados e sem Ele não conseguiria atingir meu objetivo. Ele é minha fortaleza e essência do meu existir. A meus pais, minhas irmãs Vanda e Vanusa que nunca me deixaram desanimar mesmo quando tudo parecia dar errado.

Agradeço de modo especial a meu namorado Osvaldo Sampaio que tive a sorte de conhecê-lo durante o curso e dividir com ele os bons e maus momentos dessa jornada. Sem ele sei que tudo seria bem mais difícil.

Aos colegas dessa longa jornada que assim como eu encontraram muitas dificuldades e continuaram persistindo, em especial Aila e Cleide que estiveram presente de forma direta na minha caminhada. Elas foram mais que colegas, foram amigas, irmãs confidentes, rimos, choramos, nos desesperamos cada uma com seus desafios, mas juntas nos fortalecemos com ajuda mútua. Meninas, que tenhamos muito sucesso profissional na nova etapa que se inicia afinal, a vida é um ciclo. Não esquecendo Rubinho e Marciel companheiros fiéis de equipe que sempre nos transmitiram segurança e tranquilidade mesmo nos momentos de desespero. Quero agradecer de modo especial aos moradores da minha comunidade Baixa da Areia pelo carinho, incentivo e apoio, assim também como todos componentes do grupo de Samba Sereno da Madrugada pela paciência e receptividade que tiveram para comigo todas as vezes que lhes procurei. Sempre fui recebida com sorrisos e demonstração de boa vontade. Aos colegas de trabalho e amigos de Riachão muito obrigada por cada palavra de apoio que serviram de incentivo para nunca desistir.

Agradeço também aos docentes Iris Verena e Ivaldo Marciano que no pouco tempo de orientação enriqueceram meu trabalho com seus conhecimentos. De modo especial agradeço a minha orientadora Marinélia Silva por sua paciência e dedicação, pelo apoio e compreensão nesse momento difícil da minha vida, por ser esse exemplo de pessoa sempre me acalmando.

Mais que uma orientadora um ser de muita luz que surgiu em meu caminho quando mais precisei. Obrigada pela colaboração para que meu trabalho ficasse mais coerente.

A todos os docentes que contribuíram para minha formação. Foram muitas as trocas de conhecimentos, muito valiosos para a formação profissional e pessoal.

Enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta e que assim como eu estão felizes por minha grande vitória.

Que Deus abençoe a todos!

Será, que os nossos filhos ainda vão conhecer,
Samba de roda, bata de milho, bumba-meu-boi.
O som da capinha, peneira urupemba quibano e ioiô.
Eu sei, que tantas coisas que o tempo deixou pra atrás.
Forró de roça carro de boi candeeiro de gás
Moinho de cana, vitrola de corda, pilão de pisar.
Sem contar vou lembrando de tudo que agente brincava
Sem querer vou chorando a saudade chegou machucava
O tempo não para, a lembrança não passa.
A ausência machuca essa dor que não sara

Elmo Carneiro

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a memória de alguns sambadores e cidadãos jacuipenses preocupados com a divulgação do samba de roda e de outras manifestações culturais de Riachão do Jacuípe, BA. A análise destes eventos culturais evidencia a importância deles como socialização e recreação. A metodologia utilizada para este estudo foi a História Oral, que coleta informações diretamente das fontes, por meio de relatos de experiências e entrevistas com os promulgadores dessas manifestações culturais. A análise dos relatos e depoimentos revelou que esses eventos têm papel importante na construção de um espaço de trabalho solidário e de lazer.

Palavras-chave: Samba de roda. Memória. Eventos culturais. Riachão do Jacuípe. Bahia.

ABSTRACT

This work aims to discuss the memory of some Jacuiplean samba circle performers and citizens who were involved in spreading the samba circle and other related cultural manifestations in the municipality of Riachão do Jacuípe, in the State of Bahia. The analysis of these cultural events highlights their importance as socialization and recreation. The methodology used for this study was oral history, which collects information directly from the sources, through experience reports and planned interviews with promulgators of these cultural manifestations. The analysis of the reports and transcriptions revealed that these events play an important role in building spaces for leisure and solidarity work.

Keywords: Samba circle. Memory. Cultural events. Riachão do Jacuípe. Bahia State.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 01 RIACHÃO DO JACUÍPE: COMO VEJO MINHA TERRA	12
1.1 SAMBA DE RODA EM RIACHÃO DO JACUÍPE: PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE.	14
1.2 COMO O SAMBA DE RODA ESTÁ PRESENTE NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS JACUIPENSES.	17
1.3 SEMANA CULTURAL EM RIACHÃO: ATORES DA SUA HISTÓRIA.	19
1.4 JOSÉ CÂNDIDO E OS FESTIVAIS DE SAMBA.	23
CAPÍTULO 02 O SAMBA E SUAS MÚSICAS: RETRATO DE UMA VIDA	27
2.1 A FESTA EM MEIO A ALEGRIAS E CONFLITOS.	31
2.2 O SAMBA NA MINHA INFÂNCIA	36
CAPÍTULO 03 SERENO DA MADRUGADA: DE PAI PRA FILHO	38
3.1 A ESCOLHA DO NOME	39
3.2 PRIMEIRO FESTIVAL ORGANIZADO.	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	44
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Mais que uma diversão ou entretenimento, o samba de roda é uma prática cultural que propicia a construção de identidades, demarca territórios e permite encetar questões sobre homens e mulheres que sambam, tocam e cantam seus refrãos em meio à festa. Além disso, o samba de roda em Riachão do Jacuípe é algo marcante pelo fato de permitir relembrar acontecimentos importantes, quais sejam questões relacionadas com a pesquisa propriamente dita.

Já contamos com diversos Trabalhos de Conclusão de Curso com a temática “samba de roda” na cidade a exemplo: “Sou eu Mané de Isaias” defendido por Laura Ferreira em 2010 no curso de Comunicação Social na UNEB – Juazeiro; Estudos sobre o Samba do Bagaço defendido por Fernanda Vitorino na UEFS na Graduação em Licenciatura em História e O Boi Roubado de Riachão do Jacuípe na Especialização em História da Bahia; Cultura popular: samba de roda em Riachão do Jacuípe defendido por Alice Ribeiro de Souza.

Nesse contexto, o trabalho aqui apresentado tem como objeto de pesquisa a metodologia da história oral. A qual exige do historiador paciência e dedicação, assim como cuidado e atenção no que diz respeito à visão de cada depoente referente ao mesmo fato, inclusive o próprio historiador.

Para esse trabalho busco entender através de entrevistas e relatos, as lembranças guardadas na memória de alguns moradores de Riachão do Jacuípe que talvez por se tratar de pessoas pobres, sem estudo, não sejam pensada uma política que venha inseri-los na sociedade.

Mas, o que são memórias para serem lembradas? E como essas, se fazem presentes no nosso cotidiano? Para José Carlos Sebe Bom Meihy, no livro Manual de História Oral, (2005) “Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais”.

Como o samba de roda está presente na memória dos jacuipenses? E como essas lembranças contribuem para a formação de sua identidade cultural?

Devo admitir que o samba de roda me faz rememorar o convívio com meus familiares, bem como, de minha infância. Nesse sentido, discorrer sobre o samba de roda em Riachão do Jacuípe permite entender um dos fatores culturais que contribuíram com a minha formação social e acadêmica, pois inserida em uma comunidade com fortes influências de memória dos sambadores, tomando como questão o fato de que nenhuma escrita por mais que

esteja balizada em procedimentos teórico-metodológicos, não se constitui em uma narrativa isenta de subjetividades.

Conforme Certeau (2002), os lugares de fala marcam todos os textos, mesmo que estes se apresentem como “objetivos”, ou “neutros” e “isentos”. Tentarei, na medida do possível, manter a distância entre meus sentimentos e memórias do que estou denominando por objeto de pesquisa, qual seja, o samba de roda de Riachão do Jacuípe.

Estas linhas trazem parte de minhas memórias, associadas às de meus informantes, que contribuíram com suas lembranças sobre um passado recente. Contudo, não apenas o samba de roda suscita tais recordações que em meu presente são analisadas de modo acadêmico. Contribuem também, os festejos religiosos, muitas vezes associados à prática cultural referida, nas quais são rememoradas e fortalecidas em meu presente contínuo lembranças dos tempos de criança.

Em minhas reminiscências sobre os ecos visuais e auditivos ficaram os registros dos tempos em que eu era levada por meu pai para participar dessas práticas culturais, que posso definir como: instigantes, complexas e múltiplas, e que estão diretamente associadas aos sentimentos daqueles que cantam, tocam e sambam as músicas entoadas pelos grupos jacuipenses.

As letras dos batuques e chulas cantadas no samba se relacionam, em geral, com o dia a dia dos homens e mulheres, que praticam o samba de roda, mostrando suas experiências do seu cotidiano.

Por esta questão, mais uma vez recorro a Certeau, (1996; 2008) para mostrar que o samba de roda não só possui história, como também permite que através dele seja possível entender as práticas culturais associadas, encetando questões sobre o cotidiano de ilustres anônimos.

Por ter minha memória como parte do objeto de pesquisa, uma vez que reivindico minha condição de partícipe desta comunidade de memória, insisto em lembrar como os batuques e cantos entoados por sambadores e moradores da minha comunidade expõem seus cotidianos, crenças, religiosidades e embates. Uma vez que esses sambas também têm fortes influências em eventos religiosos como reza de Cosme e Damião que além da religiosidade é visto como uma cultura local. Estes sambam mostram também suas alegrias e tristezas, uma vez que a História não é destituída de tais sentimentos.

Enfim, ter o samba de roda como objeto a partir das memórias dos sambadores, pode-se perceber suas vidas reconstituindo as redes de sociabilidade em que estão inseridos, cotejando suas aflições, problemas relacionados com a seca, alegrias e tristezas com a história em sua perspectiva macro.

As letras dos sambas que analisei durante essa pesquisa me fizeram perceber que grande parte dos envolvidos com esta prática cultural é diretamente relacionada com a agricultura de subsistência, o que explica o fato de ser recorrente nos temas das cantigas destes sambas, a seca, colheita, plantio, pedidos de boa safra, dentre outras questões.

É nesta perspectiva que este trabalho encontra lugar: por ser moradora da comunidade de Baixa da Areia localizada na zona rural de Riachão do Jacuípe, BA, palco por excelência da prática cultural a que me refiro, pude presenciar experiências executadas a partir de convivências sociais na labuta diária do homem do campo nas práticas de ajuda mútua.

Conforme destaca Le Goff (1990), as memórias expressas nos atos e gestos dos envolvidos em uma dada comunidade de memória me permitem estabelecer diálogos entre diferentes graus de compreensão em uma mesma sociedade. Para este trabalho será fundamental o uso de vídeos e documentários sobre as festas realizadas em Riachão do Jacuípe, sobretudo aquelas que ocorreram nos últimos vinte anos, de modo a contemplar as questões levantadas por este trabalho.

Nessa pesquisa faço um breve relato do espaço historiográfico do município de Riachão do Jacuípe assim como as visões de alguns autores sobre o mesmo. Dando continuidade, busco descrever a importância das manifestações culturais fazendo um recorte quanto ao samba de roda. Como o samba contribui para a formação da memória dos Jacuipenses? E qual a importância de promover eventos que tragam sambadores, trabalhadores rurais, que não dispõem de ensejo para realizações de suas manifestações, no meio social? Como essas pessoas vêem o samba de roda enquanto memória? Mas será que o samba de roda é um espaço apenas de lazer? Através de depoimentos dos meus depoentes procuro relatar os eventos realizados por sambadores e admiradores do samba que ajuda promover essa cultura assim como uma breve história de dois grupos Jacuipenses. Sufoco da Fumaça e Sereno da Madrugada.

CAPÍTULO 01 RIACHÃO DO JACUÍPE: COMO VEJO MINHA TERRA

Riachão possui diversos grupos de samba de roda. Pode-se afirmar que essa é uma das riquezas da cidade, uma vez que segundo meus depoentes a quantidade de grupos em questão não se constitui em algo comum nas cidades da Região da Bacia do Jacuípe. Se compararmos seu desenvolvimento econômico com a forte presença de práticas e costumes culturais, iremos constatar que há uma discrepância entre riqueza econômica e cultural.

Riachão possui grande parte de sua população concentrada nos distritos, denominados por “zona rural”. Talvez esta seja uma das questões que ajudem a entender a predominância do samba de roda na cidade. O município de Riachão do Jacuípe está localizado no nordeste da Bahia, à margem do Rio Jacuípe. Situa-se a 75 km da cidade de Feira de Santana, no semiárido baiano, distanciando-se 183 km de Salvador, capital do estado da Bahia. Segundo Benevides (2006), Riachão possui uma área territorial de 1.203/ 7 km² e pertence à microrregião de Serrinha. Seu território está incluído no “Polígono da seca”. Benevides (2006) descreve ainda em seu trabalho, que a sede de Riachão está situada nos terrenos da antiga fazenda de gado denominada Riachão, à margem esquerda do Rio Jacuípe. Os terrenos desta fazenda foram desmembrados de uma sesmaria, doada pelo rei de Portugal aos condes da Ponte e a João Viegas Peixoto, em recompensa pelos bons serviços prestados à Coroa Portuguesa.

Por força de lei, em 1º de Agosto de 1878, Riachão do Jacuípe foi elevada à condição de vila, com a denominação de Villa de Riachão do Jacuípe.

Encravada à margem esquerda do rio Jacuípe, sobre um imenso lajedo, Riachão fica numa área de cristalino. O subsolo não oferece condições de exploração no que se refere à água. Dos poços artesianos jorra uma água salobra, oleosa e transparente, que é pensada para a ingestão. (SAMPAIO¹ 2006).

¹ Iracema Sampaio escritora baiana filha de Riachão do Jacuípe que ainda adolescente saiu de Riachão para morar em Mato Grosso do Sul onde se destacou como escritora.

A



Fonte: Google mapas; <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>

história de Riachão do Jacuípe é contada por alguns autores, sendo que cada um com sua visão busca descrever a vida cotidiana da cidade que guarda em sua história as alegrias e labutas de um povo que sofre com as poucas condições financeiras que lhes são oferecidas, mas que ao mesmo tempo ver nesse pedacinho de chão no sertão baiano um lugar marcado por lembranças de uma vida simples, mas de um povo fraterno.

Iracema Sampaio, filha de Riachão do Jacuípe, que ainda adolescente mudou-se para outro estado, relata em suas obras as lembranças de quando morava lá.

“Às vezes fico a cismar se não teria sido melhor nunca ter saído do meu Riachão e busco respostas revivendo cada casa e cada coisa de lá”. (SAMPAIO 2006, p.17.)

Mas nem todos que escrevem sobre Riachão apontam apenas o lado bom dessa terra, muitos são os que trazem uma Cidade cheia de carência marcada pelo castigo da seca, carregada de problemas sociais, políticos e econômicos.

Podemos perceber a diversidade de opiniões sobre Riachão, quando lemos livros como “Muitas léguas de história” de Iracema Sampaio, no qual expressa um saudosismo de sua terra ao pontuar as boas lembranças de sua infância que guarda em sua memória. E por outro viés, falando do mesmo Município, temos pessoas preocupadas em entender questões políticas, como as que são analisadas na Obra *Memórias em Conflitos* de Marinélia Silva também

jacuipense. A autora relata os problemas causados por um sistema político-coronelista e o descaso desses Agentes Públicos que visaram apenas os próprios interesses. Como pode ser constatado em sua fala a seguir. “Lembro-me que todos os prefeitos eleitos em Riachão do Jacuípe na época (década de 1980 e 1990) eram aliados de ACM. Diante dessa leitura é impossível não ver na cidade um típico caso de coronelismo.” (SILVA, p. 10).

Além da política coronelista que prevaleceu em Riachão por décadas, enriquecendo apenas algumas famílias, a falta de recursos econômicos sempre foi motivo para muitos jacuipenses deixarem sua terra em busca de melhorias em outras regiões. Essa nem sempre foi a melhor escolha. Muitos foram os que saíram de Riachão e sofriram preconceitos e humilhações.

“Causava-me grande incômodo conceber a ideia de que tinha nascido numa região atrasada, que eu e os meus éramos um dos entraves ao desenvolvimento dos país, a exemplo das imagens da seca, onde os sertanejos eram tidos como infames e incultos frequentemente ridicularizados em programas de humor.” (SIVA,2010 p.11).

Silva relata os problemas sociais da sua cidade, bem como, as questões políticas e religiosas principalmente após a chegada de Pe. Silvino em Riachão. Já Iracema descreve a sociedade jacuipense como uma grande família que parece não está preocupada com os problemas que os cercam.

Outro Jacuipense preocupado em entender o cenário político dessa terra foi Gladston Silva, que preocupado com o domínio de apenas dois nomes no poder político da cidade escreveu o livro *Riachão Recente*. No qual, alerta a população para os mecanismos utilizados por esses, para governarem por tanto tempo inibindo o surgimento de novos nomes para ocuparem o poder.

Outros como Amarílio Soares (Tio Lio) escrevem sobre o espaço geográfico urbano do Município, além de fatores climatológicos: as enchentes do Rio Jacuípe. Além dos principais acontecimentos sociais da população, que ajudam a entender essa terra marcada por lembranças e anseio por mudanças.

1.1 SAMBA DE RODA EM RIACHÃO DO JACUÍPE: PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE

O samba de roda enquanto tema de pesquisa já foi palco de muitas discursões historiográficas as quais buscam descrever as perseguições sofridas pelo samba em seus primórdios. Por fazer parte do modelo de festa negra na Bahia, era vista como festa de desordem que causava medo a população.

João José Reis quando fala de festa negra na Bahia ressalta que a mesma era vista de diversas formas, tanto como motivo de desordem como um espaço de formação de identidade. “A festa os reunia e lhes fortalecia o espírito, ajudando-os a não sucumbi moralmente diante da tragédia da escravidão e de quem os escravizava.” (REIS,2002,p.100).

Para entender como o samba de roda foi considerado como patrimônio cultural imaterial é preciso perceber como se deu a trajetória do processo de políticas patrimoniais no Brasil e compreender que esse só aconteceu após um período de muitas lutas. Sendo assim é importante abranger o conhecimento quanto ao termo patrimônio cultural e compreender que o mesmo está associado à memória cultural.

“Memória cultural é o conjunto das manifestações de grupos que guardam visões articuladas sobre si e sobre o mundo segundo critérios que dão sentido e unidade ao conjunto. A base cultural de algumas comunidades explica a adesão de certos setores a princípios gerais, éticos ou políticos, que os organizam. A memória social é sempre relativa a um grupo muito amplo, reunido em torno de fatores afins; a memória cultural é mais restrita”. (MEIHY José. Manual da história oral. p.70/71).

Segundo a UNESCO, o patrimônio cultural imaterial ou intangível, compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

Fernanda Vitorino, quando fala do samba de roda como patrimônio imaterial da humanidade destaca que:

“Um dos motivos que levaram o Brasil a entrar no processo de transformação do samba de roda em Patrimônio da Humanidade, foi antes de mais nada, o desejo dos próprios sambadores de transmitir esse aprendizado às novas gerações. Dessa maneira, muitos deles, apoiados pelo IPHAN, começaram a ensinar a tocar instrumentos, cantar de improviso, tudo isso registrado em vídeo.” (VITORINO, 2012, p. 24).

Sendo assim, é notória a importância em compreender essa Cultura tão presente na vida e memória de tantos jacuienses.

“É amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo mundo, por monumento, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constituem a cultura de um povo. Há muito mais, contidos nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial.” (UNESCO², 2010).

² Ver em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>

Quando surgem os primeiros grupos de samba de roda em Riachão do Jacuípe? Não se sabe exatamente o ano em que aparecem, ou mesmo quando iniciam suas atividades, uma vez que em se tratando de práticas e costumes não há como precisar o início, a origem, conforme apontou Lima (2008), ao discutir sobre os maracatus nação pernambucanos.

Entretanto, se para o historiador a ideia de origem deve ser vista como algo impossível de precisar, além de questão destituída de historicidade, isso não significa que os sambadores não possuam mitos de origem, bem como discursos legitimadores. Algumas entrevistas e relatos cedidos por sambadores dão conta de que o primeiro grupo de samba organizado em Riachão era conhecido pelo nome de Pedrinhas, trazido por Zuza das Pedrinhas, que é considerado como “pai do samba de roda em Riachão”. Evidente que esta narrativa traz consigo as marcas das disputas por memória e legitimidade entre os grupos. Além disso, a complexidade dos mitos de origem indica a necessidade do historiador de estabelecer fecundo diálogo com a Antropologia, de modo a dispor do aparato conceitual que lhe permita entender as práticas e os costumes em seu âmago. Para tanto, deve-se entender as relações entre Mito e História, especialmente a partir dos trabalhos de Sahlins (1990; 1997; 2004; 2006).

Ainda sobre as questões em torno do mito de origem do samba de roda em Riachão do Jacuípe, Misael carneiro, em entrevista realizada em maio de 2013, declara que:

Zuza era tropeiro e trouxe o samba de roda pra Riachão (...). O primeiro lugar que teve um grupo de samba foi as Pedrinhas (...). Zuza trouxe uma dupla e assim um foi ensinando os outros (MISAEEL CARNEIRO³, 75 anos, 2013).

Entender estes discursos e narrativas se constitui em parte das questões a serem feitas para o historiador interessado no entendimento destas práticas e costumes. E para tanto, faz-se necessário ir além da observação de uma apresentação de determinado grupo, ou simplesmente participar de festejos comemorativos em determinada cidade, lugar ou espaço.

Perceber o encantamento propiciado por estas práticas é perceber que por trás daquela festa há sentimentos, que a cada batuque cantado existe uma expressão, reivindicação ou protesto. A análise das memórias e da história dos sambadores propicia o entendimento de outros contextos e sentidos, que nem sempre são incluídos nos discursos oficiais da cidade.

A importância das memórias existentes entre os sambadores é significativa para mostrar que mesmo em meio a uma dada sociedade existem conflitos, dissensões e interpretações diversas. Conforme trecho abaixo, a compreensão do samba de roda em Riachão do Jacuípe deve ser tomada como de fundamental importância para que a prática

³ Entrevista realizada com o senhor Misael Carneiro, 75 anos, sambador do grupo de samba das Pedrinhas, 2013.

cultural seja reconhecida e valorizada pela cidade:

É importante falar do samba, do brinquedo de roda prumode essa geração nova conhecer que eles não conhece sinão daqui uns dia ninguém sabe mais o que é samba, batuque, chula, essas coisa. Se a gente deixar morrer os neto da gente não vai saber como a gente se divertia quando era muleque cuma eles é hoje... Era muito bom... A gente era até mais feliz qui hoje cum tanta nuvidade qui aparece. (⁴Miguel Calmon, 58 anos. 2014).

O samba de roda em Riachão é considerado pela população como uma das manifestações culturais que mais traz alegrias à população. Esse espaço de lazer, vivenciado principalmente pela população residente nos distritos, considerados “zona rural”, além de proporcionar alegrias à população é um espaço que eles encontram para se expressar, falar dos seus costumes e gostos, lembrar seu passado e afirmar o presente. Ressalte-se que estamos discorrendo sobre pessoas que em sua maioria não sabem ler e escrever, o que acarreta, em alguns casos, o sentimento de inferioridade para com os homens e mulheres da sociedade em que os sambadores estão inseridos.

Como enfatiza José Eloi, integrante do grupo de samba Sereno da Madrugada:

A gente é analfabeto e tem vergonha de falar em repartição de gente, no samba a gente canta e diz verso e não tem medo de falar errado por isso gosto do samba porque é todo mundo igual a gente (José Eloi⁵, 60 anos. 2014).

O samba de roda constitui identidades. Propicia afirmação de ideias e pontos de vista. Deve então, nesse sentido, ser compreendido como algo dotado de grande complexidade. Através do samba de roda é possível encetar novas questões em torno das memórias e da forma como elas interpretam o presente.

1.2 COMO O SAMBA DE RODA ESTÁ PRESENTES NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS JACUIPENSES.

A música, a dança, a crença são elementos únicos que marcam a identidade de um

⁴ Entrevista realizada com o senhor Miguel Calmon, 58 anos, trabalhador rural, sambador e coordenador do grupo de samba Sereno da Madrugada, 2014.

⁵ Entrevista realizada com o Sr José Eloi Carneiro, morador da comunidade de Terra nova no município de Riachão do Jacuípe, BA, lavrador, sambador do Grupo Sereno da Madrugada, além de cantar os batuques e chulas do samba também toca o cavaquinho um dos instrumentos indispensáveis no samba de roda. Também foi um dos fundadores do grupo referido, 60 anos, 2014.

povo de uma região exteriorizando a sua memória, sua história, mantendo vivas suas raízes.

A cultura não é apenas dinâmica, ela é plural e cada região é caracterizada por sua cultura, ou suas práticas culturais.

O futebol brasileiro é reconhecido internacionalmente por sua história, ele caracteriza a identidade de um povo. O Brasil é considerado "o país do futebol", assim, quero nesse capítulo titular Riachão do Jacuípe como a cidade do samba de roda. E por isso busco com palavras descrever o grito sufocado do homem do campo que busca através dos batuques expressarem seu apelo. E diz RIACHÃO QUER SAMBAR!

Para entender como essa manifestação cultural tem um poder significativo na vida dos Jacuipenses, em especial na maioria dos sambadores da zona rural do município, busco através de narrativas descrever as lembranças e histórias que meus depoentes relataram através das entrevistas a mim concedidas.

Nesse espaço irei descrever o samba de roda na visão de sambadores e pessoas simpatizantes pelo samba. Por se tratar de história oral, mesmo falando de uma mesma manifestação e de um mesmo local, as visões do samba têm diferentes significados nas histórias de cada um.

Meihy JOSE observa que por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são retidas carregam diferenças significativas.

Afirma ainda que: “A história oral se apresenta como uma forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida _ quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento.”.

Para Bernadete Oliveira⁶, o samba em sua vida foi como o ABC na educação da criança.

Eu comparo o samba pra mim como o menino aprendeno o ABC. Porque o ABC é o começo de tudo que o menino aprende na escola, assim foi o samba pra mim. Foi lá que fiz minhas amizades muitas delas ainda vivas até hoje. Minha mãe dizia que foi ouvindo samba que aprendi a bater palmas, que aprendi a dançar porque quando meu pai levava a gente pru samba eu ainda nos braços de mamãe me sacudia no ritmo do batuque. O samba pra mim foi minha escola pra vida, aprendi a fazer amigos foi no samba que descobrir o que é ser feliz. E foi no samba que conheci meu esposo, também sambador. (Bernadete Oliveira,57anos,2015)

⁶ Entrevista com dona Bernadete de Oliveira Carneiro, moradora da comunidade de Baixa da Areia 57 anos, 2015.

Quando questionada sobre a história do samba em sua vida a dona Celidalva⁷ diz lembrar com saudades dos bons sambas por ela frequentados.

Foi muitos samba bom que já fui. Lembro que saia eu e minhas irmãs caminhando a pé léguas e léguas pra ir no samba. E o cansaço da viagem valia a pena porque lá tava todas as amigas da gente se divertindo no brinquedo de roda enquanto os homens sambava. Era o divertimento que a gente tinha. Hoje os jovens só quer saber se festa com cantor famoso, que tá na moda, no meu tempo quem tava na moda era o samba. Hoje ainda tem os jovens que gosta e ainda aprecia o samba mais é pouco. Meus filhos Graças a Deus ainda sabe como é bom ir no samba porque aqui ainda tem, mas muitos ai nem conhece. (Celidalva de Oliveira, 57anos. 2015).

Para muitos Jacuipenses o samba de roda é ensinado de gerações e o gosto e apreço por essa manifestação vêm de berço. Mas nos simpatizantes do samba de roda também tem pessoas como o Sr Venâncio Alves sambador do Grupo Sereno da Madrugada que quando criança nunca participou de samba de roda, e hoje faz parte de um dos mais tradicionais grupos de Riachão.

Quando eu era menino não conhecia o samba, lá em Serrinha terra que nasci pelo menos na minha região o povo não sabia sambá. Eu só conheci o samba quando me casei. Meu sogro era sambador e meus cunhados também sambavam ai eu fui criando gosto e aprendi sambá. Hoje é minha diversão, eu canto os batuques na roça, dentro de casa toda hora eu tô cantando e quando tem um samba eu vou longe só pra brincadeira. (Venâncio⁸, 62 anos 2015)

Assim como o Sr Venâncio a professora Edinage Maria (professora Naná) também não tinha muito conhecimento quanto ao samba de roda, mas esse entre as diversas apresentações em um evento que a mesma ajudou na organização lhe chamou a atenção.

Em entrevista feita pelo jornalista Evandro Matos em seu artigo “O resgate da cultura de um povo,” destaca: O que mais me marcou foi o samba de roda das Pedrinhas, na I Semana Cultural. Eu não conhecia aquilo. Fiquei encantada com os instrumentos, sobretudo com a cuia. “Para mim, foi o passaporte para esse mundo da cultura popular, hoje tão esquecida.”

E assim o samba de roda fica marcado na memória de muitos que o escuta e conhece.

1.3 SEMANA CULTURAL EM RIACHÃO: ATORES DA SUA HISTÓRIA

Como falei anteriormente o samba de roda sempre conquistou a admiração de muitos

⁷ Entrevista com dona Celidalva, mais conhecida como Celis, lavradora, participante de grupos de brinquedo de roda da comunidade de Baixa da Areia, 57 anos 2015.

⁸ Entrevista com o senhor Venâncio Alves, lavrador, morador da comunidade de Baixa da Areia, sambador do grupo de samba Sereno da madrugada, voz e palmeado, 62, 2015.

jacuipenses e continua despertando essa vontade de levar a alegria do samba a todo cidadão e cidadã que já viveu ou vive a emoção de festejar com o samba.

Em Riachão pode-se notar a vontade de algumas pessoas de expandir a importância do samba na vida de homens e mulheres Jacuipenses. Embora ainda seja muito escasso o apoio à cultura local principalmente por políticas públicas que venha viabilizar e promover eventos que incentivem e valorizem essas práticas culturais, existem pessoas que como eu, sabem da importância que o samba tem na vida do homem pobre do campo.

E foi pensando em dar espaço a essas pessoas que em 1991 foi organizada a primeira semana cultural em Riachão do Jacuípe. Esse evento foi intitulado como Projeto Cultural de Riachão do Jacuípe foi realizado a primeira semana Cultural em janeiro de 1992 tendo como principal organizador o jornalista Evandro Carneiro de Matos. Ele como um apaixonado por movimentos culturais sentiu a necessidade de organizar em Riachão algo que pudesse dar oportunidade aos Jacuipenses de expressarem sua cultura.

O jornalista Gladston Silva quando em seu livro “Riachão Recente” fala da cultura popular destaca:

“A cultura popular jacuipense tem no Projeto Cultural Riachão um de seus maiores guardiões”.

Desenvolvido no ano de 1992, por iniciativa do radialista Evandro Matos e amigos a exemplo de Almir José de Oliveira, Vera Lucia Ferreira, Raimundo Ferreira de Oliveira (Dinho de Sr. Nelson), Ednage Maria Carneiro da Silva (Prof. Naná) e José Osvaldo Matos de Oliveira, o Projeto Cultural Riachão nasceu com o objetivo de resgatar a cultura da comunidade jacuipense, através da reunião de nomes esquecidos”. (SILVA, p 83)

Em entrevista Evandro Matos⁹ fala de sua preocupação para com a divulgação da cultura jacuipense.

Eu conversei com Dinho de seu Nelson, e dessa conversa nossa a gente entendeu que deveria sair alguma coisa, ou seja, deveria organizar mais a cultura de Riachão, até pra dar oportunidade aos artistas as pessoas que cantam os forrozeiros, repentistas os grupos tradicionais do samba de roda, agente sentia que isso tudo estava acabando em Riachão e que era preciso ser resgatado e por isso intitulamos a primeira semana cultural de Riachão como O Livre despertar da arte. Nós reunimos um grupo de pessoas voluntárias que tinha interesse em dar novo rumo na cultura de Riachão do Jacuípe isso independente de poder político, econômico... (Evandro Matos¹⁰, 2015)

Segundo Evandro Matos, a primeira atitude tomada foi a ideia da organização da Semana Cultural. E em seguida foram às buscas por adesões de pessoas que tivessem o perfil

⁹ Entrevista com o senhor Evandro Carneiro de Matos, jornalista morador da cidade de Riachão do Jacuípe, 2015.

¹⁰ Idem

para abraçar a causa, pois só pessoa apaixonada por cultura e que sabem da importância que essa tem a uma parte considerável da população Jacuipense poderiam doar-se totalmente em prol desse evento. Foram muitas as buscas por apoio, muitas ida à prefeitura local, mas nem sempre pode contar com o apoio desejado.

Sentindo as manifestações culturais esquecidas e até desvalorizadas um grupo de pessoas admiradoras da cultura saíram em busca dos artistas da terra que muitos relatavam sentirem-se desestimulados.

“Reuniram sanfoneiros, violeiros, sambadores, poetas, pintores, contadores de causos gente que Riachão nem sabia da existência”. Na abertura da primeira festa, o marco foi a apresentação do Terno de reis Estrela do Oriente, acompanhado por uma multidão. O tema foi o livre despertar da arte, uma mistura do lirismo da poesia com as culturas do Sisal e do mandacaru, símbolos da região. “O povo extasiado, organizadores sem dar conta de todas as tarefas e a cidade nos jornais”. (O resgate da cultura de um povo. Site Faculdade 02 de Julho, 2003¹¹).

Com muita luta e força de vontade dos organizadores surge à primeira festa que teve como tema central “O livre despertar da Arte”. O tema por se só já dizia o ideal almejado pela organização do evento.

E assim foi realizada a tão esperada semana cultural de Riachão. Um grupo criado com a única finalidade de divulgar a cultura do município sem nenhum vínculo político ou religioso, pessoas que doaram seu tempo, sua hora de lazer sem receber qualquer recompensa financeira muitas vezes comprometendo suas atividades, tudo pelo prazer de divulgar uma arte que pouco a pouco vinha sendo esquecida.

Por outro lado, um grupo de artista querendo demonstrar com sua arte sua história. Nesses eventos organizados pelo projeto cultural foram divulgadas diversas manifestações, os verdadeiros costumes emanados da alma do povo. Cada um apresentava de uma maneira, uns em grupos, outros em duplas e até mesmo individuais. Cada um entusiasmado com aquela oportunidade. Não recebia cachê, quando muito, o dinheiro para o transporte de grupos que vinham do interior do município.

Foram dias de cansaço e vitórias. Mas nada compensa a alegria estampada no rosto de cada um e cada uma que via naquele evento a oportunidade de divulgar seu talento desconhecido ou não divulgado.
(Evandro Matos¹², 2015).

¹¹ Ver em: [hpt://www.fdj.com.br](http://www.fdj.com.br)

A semana cultural em Riachão do Jacuípe deu oportunidade aos artistas que viam sua arte, sua cultura, ser sufocada por falta de oportunidade de divulgação, mas deu também oportunidade a muitos jacuipenses de conhecerem um pouco mais de suas riquezas que até então estava esquecida.

Quanto à importância da semana cultural em Riachão para o incentivo da cultura do samba de roda, o Sr José Cândido Carneiro fundador do Grupo Sufoco da Fumaça diz ter sido o passaporte para o reconhecimento dessa festa que por muitos até então não conheciam.

Esse Projeto Cultural organizado por Evandro Matos abriu as portas para incentivar divulgar a cultura do samba aqui. E eu sou muito agradecido à pessoa de Evandro Matos porque ele sempre me apoiou na divulgação dos festivais que eu organizo. Ele sendo o diretor da Radio Jacuípe divulga a programação sem me cobrar um centavo. Ele desde quando tinha aquele projeto até hoje nunca deixou de incentivar a nossa cultura. (José Cândido¹³, 2015).

Para o sambador Brás Moreira de Matos, filho do também sambador Mandinho da Taipoca como é conhecido, a semana Cultural abriu as portas não só para a divulgação do samba, mas também para valorização da cultura Jacuipense.

Foi a semana Cultural que divulgou a cultura dessa terra. Riachão é rica em manifestação cultural só falta alguém que organize eventos que tenha interesse e que goste dessas festas. Eu que fui criado no meio do samba, do boi roubado da bata de feijão... ovino os repentista... me sentia em casa na semana cultural... Era muito bom... ajudou os jovens que não conhecia a criar gosto por esses eventos. Hoje assim como papai sou sambador e me sinto muito feliz quando sou convidado para participar de evento. A gente vê que ainda tem gente que sabe o valor que essas festas têm e sabe dá valor a nossa cultura. (Brás¹⁴, 46 anos, 2015).

Uma das manifestações que mais se destacou dentro da semana cultural e que essa abriu um leque para sua divulgação foi o samba de roda, pois as diversas apresentações dos grupos nesse evento fizeram com que outras pessoas despertassem o interesse por essa manifestação e foram surgindo principalmente nas comunidades rurais, pessoas interessadas em organizar festivais de sambadores.

Foi com a iniciativa da semana cultural que foi desenvolvida a ideia de um festival de samba de roda na cidade. E essa ideia se transformou em realidade através do esforço e

¹² Entrevista com o senhor Evandro Carneiro de Matos, Jornalista morador da cidade de Riachão do Jacuípe, 2015.

¹³ Entrevista com o senhor José Cândido Carneiro, presidente do grupo de samba Sufoco da Fumaça da sede de Riachão do Jacuípe, 2015.

¹⁴ Entrevista com Brás Moreira de Matos, 46 anos, morador da comunidade de Baixa da Areia Riachão do Jacuípe, BA, Trabalhador rural, sambador do grupo Sereno da Madrugada, 2015.

organização do sambador José Cândido que ao perceber que sempre participava de diversos festivais como sanfoneiros, violeiros, repentistas, sentiu-se incomodado por nunca ter sido realizado um festival de samba em uma cidade com tantos grupos de tradição e costumes marcantes como o samba de roda em Riachão.

1.4 JOSÉ CÂNDIDO E OS FESTIVAIS DE SAMBA DE RODA

O grupo Sufoca da Fumaça é um dos mais reconhecidos na cidade de Riachão e tem como seu fundador e organizador o Sr José Cândido Carneiro.

Segundo relato do mesmo, o grupo nasceu da desmembração de outro grupo chamado Bagaço. E que o surgimento de conflitos por parte de alguns dos componentes resolveu criar outro grupo para que os insatisfeitos pudessem brincar.

Alice Ribeiro quando escreve sobre a cultura popular e o samba de roda em Riachão retrata como se deu essa disputa. “Da disputa por espaços sociais foi que surgiram muitos grupos de samba de roda em Riachão do Jacuípe.” Em entrevista á Alice Ribeiro José Cândido explica como tudo aconteceu:

“Chegou um determinado tempo que o organizador do samba do Bagaço se achou entusiasmado e começou a nos maltratar e aí um senhor (...) conhecido por Zezinho do Cafundó achou de criar um samba pra mois sambá fora do Bagaço. Comprou os aparelhos e aí a gente começamos a sambá sem nome. Passando um pouco de tempo eu resolvi a nois arrumar uma farda de samba de roda e botá um nome no nosso grupo. Eu falei com os colegas: vamos fazer de conta qui o grupo do Bagaço acabô e sobrô o sufoco de fumaça”. (Alice Ribeiro¹⁵,2007).

Fundado o grupo Sufoco da Fumaça e sentindo a necessidade de promover algo que desse espaço a divulgação do samba na cidade, já que esse era mais conhecido na zona rural, seu José Cândido iniciou a busca por apoio, patrocínios, pessoas com disponibilidade pra ajudar na organização. No ano de 2001 foi realizado em Riachão o primeiro festival de samba de roda e quando recorda suas lutas para que sua ideia tornasse realidade ele deixa claro a alegria e entusiasmo do dever cumprido.

Eu sempre participava de muitos festival disso, daquilo e nunca tinha participado de festival de samba de roda ai então como a semana cultural não tava mais sendo realizada eu pensei em fazer um festival de samba. No início muitos me criticou. Oxe, festival de samba? como é isso? Mas com a

¹⁵ Alice Ribeiro de Souza Oliveira. Cultura popular: Samba de Roda em Riachão do Jacuípe, UNEB, 2010.

graça de Deus e o apoio de amigos eu conseguir e hoje já é o 14º festival regional que organizo. (José Cândido Carneiro¹⁶, 69 anos, 2015).

Os primeiros festivais aconteceram no clube Lira 08 de Setembro, mas segundo a organização, com a grande aceitação da população jacuipense em participar dos mesmos, o clube não teve espaço suficiente para atender ao público, pois além dos grupos convidados a disputarem o festival que traziam um grande número de pessoas para torcerem, já que um dos critérios era o voto popular, ou seja, aquele grupo mais aplaudido somava pontos na colocação, vinham pessoas de várias comunidades rurais, da sede e até de outras cidades vizinhas como Tanquinho, Ipirá e Conceição do Coité. Devido essa demanda por espaço, posteriormente os festivais passaram a acontecer na Praça Landolfo Alves, e essa foi mais uma preocupação que seu Zé Cândido relata.

Chegou um tempo que o clube não comportava a quantidade de pessoas. Ai eu disse: vou botá no palco fixo, onde faz as festas de São João, ai muita gente disse, tua é doido? Tu vai passar vergonha. Tu tá pensano que é pouca gente que enche aquela quadra? Mas eu confiei em Deus e nos amigos sambadores e no povo de Riachão também que nunca me deixou na mão sempre nos prestigiou com sua presença. (José Cândido Carneiro¹⁷, 69anos, 2015).

Nesses festivais eram convidados em média quatro grupos de samba para competirem as melhores chulas, batuques palmeados. Era formada uma comissão julgadora e os grupos convidados se organizavam de diversas formas para ganharem uma boa colocação. Faixas com o nome do grupo, fardamentos como camisas uniformizadas, calças e chapéus da mesma cor para todos os componentes, mulheres com saias rodadas dançando o sapateado, umas até se arriscavam dançar com litro de cachaça na cabeça, tudo para ajudar seu grupo.

¹⁶ Entrevista com o senhor José Cândido Carneiro, presidente do grupo de samba Sufoco da Fumaça da sede de Riachão do Jacuípe, 2015.

¹⁷ Idem



Foto do grupo Sufoca da Fumaça no Festival Regional de Samba de Riachão 17/11/ 2012. Arquivo pessoal do senhor José Cândido.

Como em toda competição, com esses festivais não foi diferente e começou a surgir muitas contendas entre os competidores o que desagradou ao organizador do evento que então resolveu não mais fazer competições entre grupos, passando assim a organizar apenas o Festival Regional de Samba de Roda. Todos os grupos convidados recebiam um valor que seria combinado com o responsável por cada grupo antes do dia do festival. Já que cada grupo tinha um valor de deslocamento diferenciado.

Quando vai chegando o mês de agosto eu já começo a sair de casa em casa, de comércio em comércio pedindo ajuda dos amigos e companheiros que sempre me dão uma quantia aqui outra ali e quando vejo que já tenho um tanto que dá pra fazer o festival, agora ligo para os representantes de cada grupo das cidades vizinhas e vejo por quanto eles pode vir brincar com agente. Ai cada um cobra divido suas condições, os mais perto cobra menos os mais distante cobra mais um poquinho. Ai quando calculo que vejo que ainda não dá corro atrás de mais ajuda e assim, graças a Deus o festival acontece”. (José Cândido Carneiro¹⁸, 69,2015)”.

¹⁸ Idem



Cartaz do XI festiva Regional de Samba de Roda em Riachão do Jacuípe realizado no dia 17 de novembro de 2012 na praça Landolfo Alves.
Arquivo pessoal de José Cândido.

A foto acima mostra a programação do 12º Festival de Samba de Riachão que foi realizado no dia 17 de novembro de 2012 a partir das 19 horas na Praça Landolfo Alves, com a participação dos grupos Sufoco da Fumaça de Riachão do Jacuípe, Topa Tudo da cidade de São Domingos, Cabaceiras de Conceição do Coité, Raíses do Campo de Pé de Serra e grupo Ramos também de Riachão. Nota-se que além do samba, o festival abre espaço para outras apresentações como os violeiros da cidade Marcujá e Nadinho que fizeram a abertura do evento nessa ocasião. Esse evento também contou com o apoio da prefeitura municipal assim como as três rádios local e alguns comerciante e amigos.

Com a ajuda dos comerciantes, do poder público e da imprensa local sem esquecer-se dos amigos como mostra a foto acima, seu Zé Cândido já realizou treze festivais.



Seu Zé Cândido, no 13º festival de Samba, por ele organizado no Palco da praça Landulfo Alves em 29/11/2014.¹⁹

Foram através desses festivais que além de divulgar a cultura foram descobertos muitos compositores, pois nas músicas entoadas por cada grupo eram os próprios componentes que compunham suas melodias e essas demonstravam na maioria das vezes suas labutas e alegrias.

¹⁹ Foto disponível no Blog *horadaverdade*

CAPÍTULO 02. O SAMBA E SUAS MÚSICAS: RETRATO DE UMA VIDA.

As pessoas que compõem os grupos de samba em Riachão são trabalhadores rurais que utilizam esse espaço não apenas como lazer, como muitos que não acompanham a rotina diária dessa população pensam, mas também como um lugar que possibilita trocas de experiências individuais e coletivas de um determinado grupo social.

Muitos desses trabalhadores desfrutam dessas práticas culturais com olhares e interesses diferentes, usam esse espaço para falar do seu cotidiano, labutas diárias e dissabores do dia a dia. Muitos batuques discorrem sobre a religiosidade, alegrias e tristezas, ora expressando saudades, prestando homenagens a amigos e companheiros que outrora faziam parte do grupo, mas que hoje fazem samba de roda em outras paragens. Os mortos constituem um dos muitos temas de homenagem do samba de roda:

“Vinha dois avião
Vinha lá de Belém
Caiu lá dentro do mar
Na chegada de Salvador
Matou Ludugério, matou”²⁰.

Essa letra, entoada pelo grupo de samba Sereno da Madrugada, da comunidade de Baixa da Areia, mostra a saudade cantada por seus companheiros do famoso comediante Ludugério, falecido em acidente de avião nos anos 1970. Indica esta letra que os sambadores possuem liames com a sociedade envolvente, ou, em outras palavras, não estão isolados do mundo e de suas complexidades.

Ao analisar algumas letras de sambas, pode-se perceber que eles expressam elementos diversos, sobretudo seus valores perante a sociedade em geral. Ou seja, há momentos em que se demarca território e limites, quando há necessidade para isto.

Na população rural é muito comum presenciar o respeito que esse povo tem com relação às autoridades e aos valores pessoais. Esse respeito indicado em algumas letras:

“Oh pai, oh mãe.
Eu nunca peguei no alheio
Quando a polícia chegar
Tira meu nome do meio”²¹.

Em outras palavras, o termo “alheio” refere-se à rejeição ao roubo, e a alusão ao pai e a mãe indica a necessidade da legitimidade perante a família, demonstrando a presença de

²⁰ Batuque cantado pelo grupo de Samba Sereno da Madrugada, homenagem a morte do comediante Ludugério.

²¹ Batuque cantado pelo grupo Sereno da Madrugada, comunidade de Baixa da Areia, Riachão do Jacuípe, BA.

determinados valores “tradicionais” entre os sambadores. Para grande parte das famílias de sambadores, problemas com a “autoridade”, no caso, a polícia, é visto como vergonha e tabu, algo sobre o qual se evita falar. Os agradecimentos às chuvas e colheitas constituem-se em outro tema bastante presente nas letras dos sambas de Riachão. Conhecida como “terra de sambadores”, a relação do samba de roda com o contexto rural é indicado a partir da mescla que envolve devoção e religiosidade com as questões de ordem agrícola. O texto abaixo indica parte deste manancial de fé, onde São Benedito ocupa lugar central:

“Oh São Benedito
Quero ver trabalhar bonito
Eu adoro Senhor dos Passos
E o Senhor São Benedito”²²

Os sambadores de Riachão possuem liames com outras práticas culturais existentes em Riachão. Muitos fazem parte do brinquedo de Roda, Festa da Bandeira Branca, reisados e outras manifestações culturais. Além disso, os sambadores possuem espaços “não físicos” em que o objetivo principal é a solidariedade. Trata-se de momentos em que os sambadores se reúnem para prestar solidariedade a outro companheiro, ajudando nas lavouras e preparação terra em tempos de colheitas.



Foto de Bobó TV Cardeal em 12/11/2013

²² Batuque cantado pelo grupo Sereno da Madrugada, comunidade de Baixa da Areia, Riachão do Jacuípe, BA, pode-se notar a presença da religiosidade as letras dos batuques cantados no samba.



Foto de Bobó TV Cardeal em 22/11/2013

As fotos acima representam a festa da bandeira branca e vermelha que é cantada quando os trabalhadores retornam do trabalho prestado ao amigo onde foi realizado o boi roubado.

A primeira foto mostra os trabalhadores rurais da Comunidade de Baixa da Areia retornando do trabalho na roça cantando o batuque da bandeira Vermelha que é trazida pelos homens. Segundo depoimentos do Senhor Miguel Calmon, a cor vermelha da bandeira trazida pelos homens representa o trabalho realizado, enquanto que as mulheres trazem a bandeira branca representando a paz. Na segunda foto representa o encontro das bandeiras na chegada da casa do dono do trabalho realizado.

E nesses eventos de trabalho coletivo são entoadas músicas criadas especialmente para esses momentos, expressando alegrias por ajudar um amigo:

Dono da casa eu bem que lhe dizia
Que essa surpresa eu vinha fazer um dia
Acende o fogo pra batata cozinhar
Que hoje a festa é boa até o sol raiar²³.

Este samba é um dos tantos em que predomina o tema da solidariedade. Ao chegar à casa do homenageado, que vai receber a “ajuda”, os sambadores entoam a música que marca o motivo da chegada das pessoas ao lugar. Seja para o trabalho na lavoura ou qualquer outra atividade do campo que esteja precisando ser feita, essa prática é conhecida como o boi

²³ Batuque cantado pelo grupo Sereno da Madrugada, comunidade de Baixa da Areia, Riachão do Jacuípe, BA na realização do boi roubado. Esse batuque é cantado quando o grupo de trabalhadores chega de surpresa a casa do dono do trabalho a ser realizado.

roubado, que está associado ao samba, já que após o término dos trabalhos é realizada a apresentação da bandeira branca e vermelha e finalizado com o samba de roda, muitas vezes até o amanhecer do outro dia, festejando o trabalho realizado.



Foto de Bobó TV Cardeal em 16/09/2015
Bata de Feijão na comunidade de Baixa da Areia, exemplo do trabalho coletivo.



Foto de Bobó TV Cardeal em 15/10/2013

Bata de feijão realizada por moradores da comunidade de Terra Nova município de Riachão do Jacuípe.

Portanto, o sentido de organização estável de uma comunidade se dá a partir de um grupo de pessoas que compartilham códigos e costumes, dotando-as do que Portelli (1993; 2001) denomina por Comunidade de memória. Riachão do Jacuípe é rica de possibilidades dessa partilha, pois grande parte de sua população, principalmente os moradores da zona rural, tem uma disponibilidade e um enorme interesse em divulgar e socializar sua diversidade cultural, possibilitando o desenvolvimento e compreensão de ideias relacionadas à passagem do tempo e as experiências acumuladas, que formam parte da memória da sociedade.

2.1 A FESTA EM MEIO A ALEGRIAS E CONFLITOS.

Como definir o samba de roda? Bem, importa que ele seja uma prática cultural dotada música, dança poesia e festa. Tudo ao mesmo tempo. E para que serve? Ora, dentre outras questões, para sambar e alegrar o dia a dia, mas isto não significa que todos os sambadores sambem pelos mesmos motivos. Certamente há os que fazem para beber e comer sem pagar, ou os que se utilizam da prática para demarcar território e afirmar identidades, ou

simplesmente para se divertir e ver o tempo passar. Ou tudo ao mesmo tempo agora...

Não há como precisar a origem desta prática, mesmo por que é praticamente impossível determinar a origem de algo que foi criado em contextos dinâmicos. Seu estilo musical está associado à capoeira e ficou conhecido principalmente como um meio que esse povo achou de enfrentar perseguições e rejeições sociais, sendo que muitas pessoas viam essas manifestações como uma suposta violação dos valores morais e sociais.

O samba de roda também era visto como algazarra e até mesmo como rituais demoníacos, uma vez que é frequente ter a associação da prática com as religiões de terreiro, a exemplo do candomblé de caboclo. Esta associação, entretanto, não é exclusiva, uma vez que há liames entre o samba e outras formas de religiosidade, como já foram demonstradas nos casos de São Benedito, por exemplo. Por certo, entretanto, é fundamental mostrar que o samba de roda é muito mais do que diversão.

Há disputas entre os grupos, seja por espaço, seja pela necessidade de se mostrar superior na forma de tocar, cantar ou dançar. Os grupos de samba de roda possuem diferenças entre si, não devendo ser vistos como uma grande família de irmãos que estabelecem vínculos uns com os outros. As tensões e conflitos são visíveis em diferentes momentos da prática cultural.

Lima (2013), na obra *Mas, o que é mesmo maracatu nação*, discute a respeito dos costumes e práticas comunitárias compostas por diferentes formas de saberes que trazem além das festividades que marcam a história da cultura negra, os conflitos e tensões nelas envolvidas:

“A Cultura negra, neste aspecto é, a meu ver, identificada como práticas e costumes feitos de forma comunitárias que trazem consigo sentidos compartilhados por grupos que dispõe modos, ofícios e saberes de forma complexas e dispostas para diferentes pessoas, o que não significa dizer que inexistem tensões e conflitos nestes agrupamentos” (LIMA, 2013).

Nas grandes apresentações dos grupos de samba de roda podem-se perceber competições de toda ordem. Há os que tentam se mostrar superiores em diferentes perspectivas. A diferença e hierarquia são fundamentais para que determinado grupo se sobressaia perante os demais, o que confere às disputas caráter intrínseco entre grupos que possuem práticas congêneres. Quem será convidado para fazer determinada apresentação? Qual grupo irá representar o município na capital? Ou, quem será escolhido para ganhar o status de “melhor grupo de samba da cidade”? Disputa por espaços e pela distinção, algo que ocorre entre maracatus pernambucanos, escolas de samba cariocas, afoxés baianos... Afinal de

contas, estamos percorrendo sobre homens e mulheres que buscam a distinção por motivos diversos, seja por dispor de maior número de integrantes, ou por se julgar mais importante por ter sido descendente de determinado personagem que marcou a história do samba da cidade.

Tomando por base outros trabalhos, Canclini (2008) e Abreu (1999) tomaram a festa como excelente oportunidade para discorrer sobre as práticas e costumes tidos como “populares”. Abreu (1999), em festejado trabalho, descreve a festa do divino na sociedade carioca do Rio de Janeiro como espaço de compreensão de uma sociedade. Assim como essa festa, o samba de roda e as festas religiosas no município de Riachão constituem-se em lugar propício para o cotejamento de diferentes questões sobre homens e mulheres tidos como “populares”.

Canclini (2008), ao discutir sobre as mudanças sofridas na sociedade pelo trabalho da cultura e a modernidade, indica que: “Também na sociedade e na cultura mudou o que se entendia por modernidade” (Canclini,2008.p.28).

Contudo, as práticas culturais e festivas que marcam a história de Riachão têm predominado como um espaço de lazer para sua população, já que a cidade, principalmente a comunidade rural, não dispõe de muitas atividades de lazer.

Essas festas também são vistas como uma forma de valorização dos registros de memória de uma população que se interessa em divulgar seus costumes aprendidos no exercício cotidiano da vida em sociedade. Nesse sentido, o samba de roda constitui-se em oportunidade privilegiada para a interação e convívio social mais direto. Partindo desse pressuposto, analisar as festas em Riachão torna-se uma forma de conhecer os valores culturais dessa população e compreender a importância que ela traz para a formação da memória social.

Segundo Laraia (2009), “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Esse processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (LARAIA, 2009, p.). Em meio às alegrias expressas em práticas culturais como o samba de roda, é possível dar oportunidade a um povo de narrar sua própria história de vida, tradições e a forma que vivenciam cada uma delas. “Nós somos sacos de palavras, somos sacos que encerram os segredos muitas vezes seculares, somos a memória dos povos, pela palavra damos vida aos feitos e gestos dos reis diante das jovens gerações” (BARRY, 2000, p. 06).

Com o desdobramento da Nova História Cultural, tornou-se possível ao historiador buscar outros conhecimentos, bem como novas formas de escrever a história, valorizando os sujeitos sociais e tendo outras possibilidades de investigação, assim como vários documentos

e linguagem produzidos pelo homem para escrever sua própria história. Escrever sobre a festa de uma determinada região proporciona ao historiador fazer uma análise de um determinado espaço social, permitindo a troca de experiência entre as pessoas, analisando esse espaço como um lugar de possíveis reivindicações e entretenimento em que os sujeitos expressam suas emoções e revoltas.

Para Abreu (1999), a cultura popular “é algo tecido pelo historiador nas tramas sociais e documentais da história que só encontra sentido, ou torna-se inteligível, através de sua contextualização. O conceito emerge na própria busca de como as pessoas comuns, as camadas pobres ou populares criavam e viviam seus valores” (ABREU,1999.p.28).

Neste sentido, o samba de roda oferece oportunidade aos trabalhadores de abordarem seus sentimentos e reivindicações, bem como suas diversões através de cantos entoados em seus festejos. Em meio a versos e batuques, o trabalhador rural expressa seus valores durante seu cotidiano. As músicas entoadas trazem palavras que abordam sua vida no campo, ou seja, sua realidade cotidiana. É voltado para tudo que o cerca e faz parte da sua rotina:

Boi, boi, boi do currá.
Plantei meu milho
Plantei meu feijão
Cumi tudo verde
Por causa do ladrão.²⁴

A análise das letras dos sambas, bem como da memória dos sambadores, propicia ao historiador estabelecer novas questões, em geral, invisíveis nas narrativas e memórias oficiais. Este enfoque permite novos olhares sobre os contextos, trazendo a tona outras interpretações da História, bem como sujeitos que até então eram deixados de lado por visões que privilegiavam recortes e concepções que não viam relevância em práticas e costumes semelhantes ao samba de roda. Segundo José Carlos Meihy:

“Quando se valoriza o oral como fator decisivo para as análises, questões relativas à memória e à identidade despontam como caminhos indicativos dos exames sociais de todos os grupos. Como os discursos é um bem de todos, democraticamente, o instrumento mais elementar mais elementar de expressão se presta a se tornar documento” (2005, p.36).

Através da História Oral é possível perceber diferentes questões nas memórias dos

²⁴ Chula cantada pelo grupo Sereno da Madrugada, segundo Venâncio, sambador do grupo referido é comum em época de colheita essa preocupação do trabalhador do campo com os frutos nas plantações, já que essas, não dispõem de nenhum equipamento de segurança, sendo esse um dos motivos de preocupação citado na letra acima.

sambadores de Riachão. Além disso, a análise das letras dos sambas, compostos pelos integrantes dos grupos, contribuem para entender outras possibilidades de entendimento da vida e das realidades sociais. Algumas das letras dos sambas expressam não apenas as lutas do dia-a-dia do trabalhador rural, mas também a utilização dos versos como uma forma de lazer.

Segundo Venâncio Alves, sambador do grupo Sereno da Madrugada, da comunidade de Baixa da Areia, em entrevista concedida no dia 04/01/2013, o samba de roda torna possível ao sambador discorrer sobre seu dia a dia:

Papai mamãe toda serra de longe é azul.
 Rapaz sorteiro é vadio
 Boi raciado é zebu
 Chapéu de paia sem beira
 Moça de Nazaré
 Moça bonita é faceira e moça feia ninguém quer.²⁵

Através dessas músicas é possível perceber que esses trabalhadores, mesmo em meio à vida difícil em que vivem, conseguem ter no samba de roda motivos para viverem festejando e buscando no trabalho formas de expressar suas alegrias. Estas práticas se constituem em espaço privilegiado, conforme observou Benevides, para que as pessoas possam expor diferentes sentimentos:

“No Brasil, comumente, o povo se enfeita, come, bebe e dança para festejar, - brincando-, os acontecimentos da vida. Na essência da brincadeira reside a alegria de “vadiar” e isso, para existir, não depende de qualquer renome; a cultura popular que envolve a brincadeira é constituída essencialmente pela camada da sociedade que compreende os excluídos; sua alegria, porém, resiste à miséria social de seu cotidiano. O “espaço da brincadeira” tem a estrutura de uma rede, uma rede interlúdica” (BENEVIDES, 2006. p.173).

Fernanda Vitorino quando fala do samba do Bagaço também dessa cidade, explica o espaço do samba como o espaço que rompe o cansaço do dia de trabalho do para dar espaço ao divertimento.

“Relacionando com o Samba do Bagaço é possível destacar a roda de samba como espaço que rompe com o tempo do trabalho, uma vez que era nesse ambiente de lida na roça, mais especificamente numa bata de feijão que o grupo nasceu e também como espaço de divertimento”. (VITORINO, 2010, p. 28)

²⁵ Batuque cantado por Venâncio Alves, sambador do Grupo Sereno da Madrugada em entrevista no dia 04/01/2015.

Portanto, as festas proporcionam um papel importante no desenvolvimento da sociedade, permitindo uma interação social e um espaço onde homens e mulheres se tornam sujeitos de suas próprias histórias. São nestes espaços que esses trabalhadores conseguem narrar seus dilemas, conflitos e alegrias.

2.2 O SAMBA NA MINHA INFÂNCIA

Filha do sambador Venâncio, do grupo de samba Sereno da Madrugada da comunidade de Baixa da Areia, homem simples que sempre trabalhou no campo tendo a enxada como sua arma de trabalho e a labuta no campo como fonte de renda para sustento da família cresceu ouvindo meu pai cantar os batuques de samba. Durante toda minha infância e juventude as músicas que mais ouvia eram aquelas que falavam do campo, da labuta com a terra, as lutas do dia-a-dia que ele cantarolava dentro de casa e na lavoura.

Lembro-me com muita saudade de quando iria levar café pra ele e ouvia de longe sua voz que cantava apesar do sol escaldante do sertão nordestino.

E foi desse convívio com meu pai que nasceu em mim esse interesse e admiração pelo samba de roda e a práticas culturais de minha cidade.

Como era e ainda é bonito ver a solidariedade de um povo que ajuda o amigo no cultivo das plantações no inverno com a bata de feijão, de milho, mandioca! E quando o vizinho está precisando fazer um trabalho, mas sozinho não "dá conta", os amigos se reúnem para juntos fazerem o trabalho e transformar a labuta em diversão! E, ao final do dia comemoram o trabalho realizado, festejando com comidas, bebidas e samba de roda até o novo dia amanhecer.

E foi assim que cresci, os batuques do samba foram minhas cantigas de ninar, as comemorações culturais meu espaço de lazer e a cultura daquele povo minha escola de valores culturais responsáveis por grande parte da formação de minha personalidade.

Como eu milhares de pessoas estão ligadas diretamente ao samba de roda e as praticas culturais que enriquecem a história de Riachão. Algumas por terem sido criadas nesse ambiente cultural onde o samba de roda era sua principal opção de lazer, outras por gostar do som envolvente do pandeiro, da voz cansada dos sambadores ou da alegre batidas do palmeado.

No samba de roda de Riachão não tem distinção de cor, raça ou posição social embora a classe predominante que apoia e compõe o samba de roda seja os trabalhadores rurais, o

homem pobre do campo de Riachão do Jacuípe.

Os grupos de samba como são chamados hoje, já que em anos anteriores eram chamados de “gangues²⁶,” tem como instrumentos principais o cavaquinho, a cuia, e o pandeiro. Esse era confeccionado com couro de gato segundo o sambador Venâncio do grupo Sereno da Madrugada o pandeiro que era fabricado com o couro de gato possuía um som mais vibrante e de melhor qualidade. Hoje os pandeiros não são mais fabricados com couro de animais, a maioria é confeccionada por material sintético.

Alguns grupos também associam a seus instrumentos outros elementos que emitem som como a enxada, representando seu instrumento de trabalho, a matraca, confeccionado por eles próprios, uma espécie de instrumento composto por pedaços de madeiras que ao se chocarem emitem um som semelhante a das palmas, para que essas apresentem mais vigor e tem até os que usam litros de cachaça como instrumento sonoro já que esse quando tocado ao copo fornece um som agudo que é ritmado a música cantada alegrando ainda mais aqueles momentos eufóricos dos sambadores.

²⁶ Nome usado para definir grupos de Samba de determinada pessoa. Gangue de Mané de Isaias, Gangue de Zezito...

CAPÍTULO 03 SERENO DA MADRUGADA: DE PAI PRA FILHO

O grupo de samba de roda Sereno da Madrugada é mais um grupo de tradição na história do município de Riachão do Jacuípe. Segundo narrativas de entrevistados, o grupo foi fundado na fazenda Canto do Meio na comunidade de Baixa da Areia que fica localizada a 13 km de Riachão do Jacuípe. De acordo com Oliven Carneiro, presidente da associação dos moradores dessa comunidade, a mesma é composta em média por 53 famílias que tem a agricultura de subsistência como fonte de renda.

Como característica da maioria dos grupos de samba de roda, o Sereno da madrugada participava de eventos organizados por trabalhadores rurais da própria comunidade.

A história desse grupo poderia ter sido interrompida ou nem ter alguém pra contar se não fosse a persistência e dedicação dos irmãos Jose Eloi e Miguel Calmon que com o seu pai aprenderam a sambar quando ainda era criança.

Segundo o senhor Miguel Calmon, assim como seu irmão José Eloi, e ouvindo relatos de pessoas da comunidade de Baixa da Areia, o grupo Sereno da Madrugada começou a sua organização por volta do ano de 1966. Os irmãos José Eloi com onze anos e Miguel Calmon com dez anos formaram a primeira dupla da nova geração do grupo Sereno da Madrugada.

Conforme os depoimentos, os mesmos eram filhos de Florentina Maria Carneiro e Florentino Raimundo Carneiro que também era grande admirador e incentivador de samba de roda, eles acordavam às quatro horas da manhã para ajudar seu pai tirar leite e acender o fogão a lenha para cozinhar a batata para o café da manhã. E foi nesse cenário que começou a história do Sereno da Madrugada liderada por Miguel Calmon.

Naquele humilde cenário característico de uma residência rural, em volta do fogão, enquanto esperavam o café preparado com todo carinho por sua mãe, Miguel e Jose balbuciavam as primeiras melodias de chulas e batuques ensinadas por seu pai. As condições financeiras eram escassas, mas isso não impedia que aqueles garotos perdessem o gosto pelo samba, pois mesmo seus pais não podendo lhes dar os instrumentos eles improvisavam com o que tinha como lembra Miguel Calmon.

A gente não tinha dinheiro pra comprar pandeiro, usava lata de goiabada para pegar o ritmo dos batuques e Jose brincava com caixote de papelão. Hoje nem da mais porque a goiabada vem em vaso plástico, mas no meu

tempo de menino os brinquedos da gente era assim, e agente era feliz. (Miguel Calmon²⁷, 59anos, 2015.).

Não se sabe exatamente o ano em que foi fundado o grupo sereno da madrugada, mas conta Miguel que por volta do ano de 1978, juntou-se com seus amigos para fundar um grupo, já que até então existia os sambadores, mas não tinha um grupo organizado. Incentivado por seu pai Flori, como era conhecido, pediu ajuda a sambadores mais velhos residentes naquela comunidade. Os nomes mais citado por ele era: Dezinho, Lô, Belmirio e Roque de Zaí.

Com a ajuda e incentivo dos amigos Miguel transforma as brincadeiras com o irmão em um compromisso de organizar e coordenar o grupo Sereno da Madrugada.



A foto acima demonstra o Grupo Sereno da Madrugada já organizado. Segundo Miguel, essa é a foto de capa do primeiro CD do grupo. Embora não estando todos os componentes presentes nessa foto nota-se na imagem 01 o título das músicas de samba entoadas por eles como também ao fundo o palco fixo da Praça Landulfo Alves local onde é realizado o festival de samba.

Assim como na 1º imagem a 2º traz alguns dos sambadores juntamente com filhos trazendo seus instrumentos do samba. Da esquerda para a direita: Joselino (cuia), Ivanélio (violão). Miguel, José (cavaquinho) Gilcélio (filho de Amado), 2º fila: Amado (pandeiro), Raimundo, Brás e Janael (filho de José).

3.1 A ESCOLHA DO NOME

²⁷ Entrevista realizada com o senhor Miguel Calmon, 59 anos, trabalhador rural, sambador e coordenador do grupo de samba Sereno da Madrugada, 2015.

Como citado anteriormente, esse grupo foi originado nas madrugadas frias enfrentadas por homens do campo que acordam quando o sol ainda entre nuvens e serenos começa brotar seus primeiros raios. Esse foi um dos motivos para a escolha do nome Sereno da Madrugada, porque foi na madrugada fria e serenada que foram cantadas as primeiras letras de samba.

Mas esse nome também faz referências a um marco desse grupo, pois quando organizam um evento ou são convidados para uma apresentação só termina quando amanhece o dia, ou seja, no sereno da madrugada.

O samba pra ser bom só pode terminar quando o dia raiá, o sol é nosso relógio, é ele que rasga o sereno e todo mundo vai pra casa descansar depois de um gordo café do dono da casa rrsr. (Miguel Calmon²⁸, 59, 2015)

O Samba era uma das poucas diversões daquela comunidade, os homens sambavam e as mulheres brincavam de roda e assim alegravam-se nas noites escuras de uma comunidade rural.

3.2 PRIMEIRO FESTIVAL ORGANIZADO

Por volta dos anos 90 o grupo sereno da Madrugada já dispunha de uma quantidade de duplas (também chamada de parcela) suficiente para não apenas animar noite de reza e pequenas participações eles queriam ir mais além. E foi quando se formou uma comissão não apenas de sambadores como também admiradores e incentivadores da cultura para organizarem um festival de samba naquela comunidade.

De acordo com Olivan Carneiro, presidente da associação dos moradores de Baixa da Areia, a comunidade é composta em média por 53 famílias que tem a agricultura de subsistência como fonte de renda. Essa Comunidade sofre com o processo do êxodo rural, pois esse sistema de subsistência não se faz atrativo, ainda que o excedente da produção seja vendido na feira livre e gere recursos financeiros às famílias. A prática do êxodo ocorre devido aos jovens terem o centro urbano como forma de realização profissional mais acelerada.

No dia 11 de dezembro de 1999 foi realizado o primeiro Festival de Samba de Roda da comunidade de Baixa da Areia que teve como tema “O samba da minha terra”. Meu canto

²⁸ Idem

meu desabafo.

Quando questionado sobre a escolha do tema mais uma vez fica claro que o samba com suas chulas e batuques é o grito abafado do homem do campo que procura de alguma forma expor seus sentimentos.



Foto de Elozane Cordeiro, 18/10/2014.

Grupo Sereno da Madrugada se apresentando no 5º festival de samba de roda na comunidade de Baixa da Areia Riachão do Jacuípe.

A foto anterior representa o 5º festival de samba organizado pelo grupo Sereno da Madrugada no dia 18 de Outubro de 2014 com o apoio dos moradores da comunidade de Baixa da Areia lugar de origem do grupo. No palco o grupo citado se apresentando.

Para a realização desses festivais, assim como Seu José Candido citado anteriormente, o grupo Sereno da Madrugada conta com o apoio de patrocinadores, o que para eles é a maior dificuldade enfrentada como fala Olivan Carneiro.

Nossa maior dificuldade é em achar apoio financeiro. Na organização cada um ajuda com o que sabe na divulgação boca a boca, escolhendo tema, grupos que irão participar jurados. Mas quando o assunto é dinheiro... ai a

dificuldade aparece. É muito não que recebemos, mas no final o resultado é satisfatório sempre vale a pena. (Olivan Carneiro²⁹, 43anos, 2014).



O grupo Ramos e o das Pedrinhas participaram dos cinco festivais organizados pelo Sereno da Madrugada em Baixa da Areia.

Nesse espaço foram organizados diversos festivais de sambadores pelo grupo Sereno da Madrugada assim também como foram inúmeras participações deste em eventos organizados por outros grupos em comunidades vizinhas na sede do município e em outras cidades quando são convidados a se apresentarem.

²⁹ Entrevista com Oliván Carneiro, músico, morador da comunidade de Baixa da Areia, em 18/10/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O samba de roda nos últimos séculos vem passando por mudanças e avanços, conquistando espaço e sendo reconhecido como Patrimônio da Humanidade. Embora por muito tempo tenha sido motivo de preconceito e perseguições e muitos até hoje não reconheçam o valor cultural que essas manifestações trazem a humanidade.

As entrevistas com alguns moradores de Riachão do Jacuípe possibilitaram a análise da necessidade de divulgação dessas manifestações culturais para a população, especialmente dos moradores da zona rural. Este trabalho foi desenvolvido procurando narrar ainda que de forma sintetizada a importância dessas para sua população.

Buscando entender melhor esse povo, seus sentimentos e lembranças, foi feito um estudo bibliográfico apontando as visões de autores que falam sobre essa terra, assim como seu espaço geográfico.

Para analisar e dar ênfase ao trabalho foram utilizadas fontes orais através de entrevistas, fotos e vídeos dessas manifestações assim como conversas informais com pessoas que estão diretamente e indiretamente ligadas ao samba de roda na Cidade e zona Rural do município. Essas entrevistas possibilitaram uma abordagem quanto à importância que o samba de roda tem na formação de memória de cada entrevistado.

Sendo assim, esse estudo sobre as manifestações culturais em Riachão do Jacuípe, especificamente do Samba de roda, destacando o Grupo Sereno da Madrugada não dispensa a possibilidade de novos estudos, pois escrever as lembranças através da história oral possibilita uma variante visto que a memória não é algo acabado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marta. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.
- AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BENEVIDES, Nete. A louvação das prostitutas de Riachão ao glorioso São Roque, Salvador _ Secretaria da Cultura e Turismo. FUCEB, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- Edênio Valle, José J Queiroz, organizadores._ *A cultura do povo*._ São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.
- GARCÍA, Canclini Nestor. *Culturas Híbridas*. -4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- LE GOFF, Jacques - *História e memória*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Identidade negra no Recife*. Recife: Bagaço, 2009.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias. Recife, 1930-1945*. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sabe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª edição, fevereiro de 2005.
- REIS, João José. *Tambores e Temores: A festa Negra na Bahia na Primeira Metade do Século XIX*
- RIBEIRO Alice de Souza Oliveira. *Cultura popular: Samba de Roda em Riachão do Jacuípe*, UNEB, 2010.
- SILVA, Gladston. *Riachão Recente, um panorama atual da política, economia e sociedade jacuiense*. S/d, p. 1-100.
- SILVA Marinélia. *Memórias em Conflitos*: Editora Nelpa São Paulo, 2010.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro, Campus, 200

VITURINO, Fernanda Manuela de Oliveira. *Samba do Bagaço de Riachão do Jacuipe*, UEFS, 2010

ANEXOS

LISTA DE FONTES

Entrevista com o senhor José Eloi, 61 anos, sambador do grupo Sereno da Madrugada, concedida a autora em sua residência na comunidade de Baixa da Areia Riachão do Jacuípe, BA

Entrevista como senhor Miguel Calmon Carneiro 59 anos, sambador e presidente do Grupo Sereno da Madrugada em sua residência na fazenda Campo Limpo localizada na cidade de Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com o senhor Mizael Carneiro ,71 anos, sambador do grupo de samba das Pedrinhas concedida a autora em sua residência na cidade de Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com o senhor Venâncio Alves, 60 anos, sambador do grupo Sereno da Madrugada em sua residência na comunidade de Baixa da Areia Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com o jornalista Evandro Matos, na sua residência na cidade de Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com o senhor Olivian Carneiro, 46 anos, no 5º festival de samba de roda realizado na comunidade de Baixa da Areia Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com o senhor Brás Moreira de Matos, 44 anos, sambador do grupo Sereno da Madrugada na residência da autora, na comunidade de Baixa da Areia em Riachão do Jacuípe.

Entrevista com a senhora Bernadete de Oliveira, 57 anos, moradora da comunidade de Riachão do Jacuípe em sua residência na fazenda Poço Dantas em Riachão do Jacuípe, BA.

Entrevista com a senhora Celidalva de Oliveira, 57 anos, na residência da autora na comunidade de Baixa da Areia em Riachão do Jacuípe.

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Fotografias de Elozane Cordeiro, acervo pessoal de Bobó da TV Cardeal e acervo pessoal do senhor José Cândido Carneiro.

SITES DISPONÍVEIS:

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>

[hpt://www.fdj.com.br](http://www.fdj.com.br)